

# MAPA-MÁSCARA: IMAGENS DO PENSAMENTO DO CONTINENTE AFRICANO

*MAP-MASK: CONCEPTUAL IMAGES OF THE AFRICAN CONTINENT*

*MAP-MASK: IMÁGENES CONCEPTUALES DEL CONTINENTE AFRICANO*

**Wenceslao Machado de Oliveira Jr**

Professor Universidade Estadual de Campinas – Unicamp  
wenceslao.oliveira@gmail.com

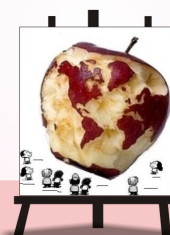
**Inea Franco de Novaes**

Professora Escola Experimental da  
Universidade Federal de Uberlândia -ESEBA  
inianaovaes@eseba.ufu.br

## Resumo

Pensar encontros para mobilizar pensamentos e sensações que tenham força para fazer brotar outra(s) África(s) é a proposta deste texto, o qual se dispõe a provocar nos leitores reflexões sobre imagens do continente africano. Reflexões que tiveram início nas conversas e produções das oficinas realizada com professores de geografia convidados a pensar o continente africano com as imagens, a interferir em um processo contínuo e a materializar em imagens os pensamentos. Para esta proposta de pesquisa e educação o que importa não é o acúmulo – de informações conhecimento – e sim as potências – das criações e pensamentos, os acontecimentos que ali tiveram lugar e que possibilitam a (re)criação no território da educação. A materialização dos pensamentos em imagens pelos professores mostra o desconforto gerado ao longo dos encontros que foram realizados, evidenciando rupturas, quebras, criação de pensamentos e sensações que romperam com o que estava cristalizado – como clichê – e possibilitaram surgir outra(s) África(s) que se espalham como um rizoma, que buscam lugares para se apoiar, lugares para brotar, brotar o novo e abrir a ordem do mapa, em combate ao fechamento, ao sedentarismo do pensamento do que seja o continente africano, de encontro com as diferenças e em desfavor da repetição que molda e impregna os espaços escolares e as aulas de Geografia.

**Palavras-chave:** Mapa; África; Oficina.



O mundo é o que pensamos...

### Abstract

Thinking meetings to mobilize thoughts and feelings that have strength to bring out the other(s) African(s) is the proposal of this text, which is willing to provoke the readers reflections on images of the African continent. Reflections that began in conversations and workshops with productions of geography teachers invited to think the African continent with the images, to interfere in an ongoing process and materialize thoughts into images. For this proposed research and education that matters is not the accumulation - Knowledge information - but the powers - the creations and thoughts, the events that took place there and that enable the (re)creation in the territory of education. The materialization of thoughts into images by teachers shows the discomfort generated during the meetings that have been conducted, showing cracks, breaks, creation of thoughts and feelings that broke with what was crystallized - as cliché - and enabled arise other(s) Africa(s) that spread like a rhizome, seeking places to support, places to sprout, sprout new and open the map order in close combat, the inactivity of the thought of what the African continent, meeting with differences and to the disadvantage of repetition that shapes and permeates the school spaces and geography lessons.

**Keywords:** Map, Africa, Workshop.

### Resumen

Pensando reuniones para movilizar pensamientos y sentimientos que no tienen fuerza para llevar a cabo el otro ( s ) africana ( s ) es la propuesta de este texto, tiene qualse causando imágenes en los lectores reflexiones sobre el continente africano. Reflexiones que se iniciaron en las conversaciones y las producciones de los talleres realizadascom profesores de geografía invitados a pensar el continente africano con imágenes , lo que interfiere en un processocontinuo y materializan los pensamientos en imágenes. Para esta propuesta de investigación y educación que importa no es la acumulación - Conocimiento información - pero los poderes - las creaciones y los pensamientos, los acontecimientos que tuvieron lugar allí , y que permitirá a la ( re ) creación en el territorio de la educación. La materialización de los pensamientos en imágenes por los maestros muestra el malestar generado durante las reuniones que se han realizado , mostrando grietas , roturas , la creación de pensamientos y sentimientos que rompieron con lo que se cristalizó - como cliché - y permitieron surgir otra ( s ) África ( s ) , que se extendió como un rizoma , en busca de lugares para apoyar , lugares para germinar , brotar nuevo y abrir el orden en el mapa en la cerradura de combate, la inactividad de la idea de lo que el continente africano , la reunión con diferencias y en perjuicio de la repetición que da forma y penetra los espacios de la escuela y las clases de geografía.

**Palabras clave :** Map; África; Taller .

Pensar encontros para mobilizar pensamentos e sensações outros, pensar em ações que possibilitem florescer a singularidade sem a intenção de definir pensamentos ou ensinar algo – pensar não tem respostas prontas – mas deixar que brotem e que provoquem pensamentos pelas imagens, pensamentos em criações, pensamentos-sensações que poderão ser materializados em imagens para que não esvaneçam, pensamentos-sensações materializados em imagens que deem forma ao querer, ao achar, ao sentir, ao criar devires outros no próprio pensamento, pois “cantar ou compor, pintar, escrever não tem talvez outro objetivo: desencadear esses devires” (DELEUZE, 2008, p. 63).

Encontros organizados em oficinas que são outros caminhos possíveis para a pesquisa em educação, que possibilitam permear as subjetividades, que constroem o real muito mais do que o resgatam (SEIXAS, 2001). Além de se constituírem, também, como uma modalidade alternativa de trabalho educativo, uma vez que possibilitam o contato com grupos distintos e contribuir para o aparecimento de pensamentos outros. Para esta proposta de educação e pesquisa o que importa não é o acúmulo – de informações e conhecimentos – e sim as potências – das criações e pensamentos –, os acontecimentos que ali tem lugar e que possibilitam a (re)criação no território da educação, neste caso da educação proposta para se aprender África, sobretudo nas aulas de geografia.

Ao longo dos encontros<sup>1</sup>, o dever coletivo foi mobilizado como encontro de pensamentos com imagens e em imagens. Assim, um mapa do mundo<sup>2</sup> com o apagamento do contornocartográfico do continente africano fez-se presente “para entender a geografia como uma série de apagamentos e sobre-escrituras [...] para a reconstituição ou reinvenção do mundo de pontos de vista nativos e não eurocêtricos” (MASSEY, 1998, p.164), com o intuito de mobilizar o pensamento da(s) África(s) ao mobilizar pensamentos acerca do espaço, não como uma superfície lisa e acabada, mas como algo em constante, negociação, produção e movimento, que pode e deve ser “modificado” em cada novo encontro-pensamento que for mobilizado, pensamentos estes que poderiam vir a ser linhas de fuga do continente africano e que poderiam ser materializados em imagens no mapa.

1 Os encontros/oficinas foram realizadas no Centro Municipal de Estudos do Professor em Uberlândia-MG (CEMEPE), em quatro momentos presenciais durante o segundo semestre de 2011, mobilizadas por materiais e questões que perpassam a arte, as imagens visuais, audiovisuais, a cartografia, a literatura, as máscaras da(s) África(s), a Educação, a docência em Geografia, em um movimento turbilhonar.

2 Mapa de 1,20cm X 1,20cm.

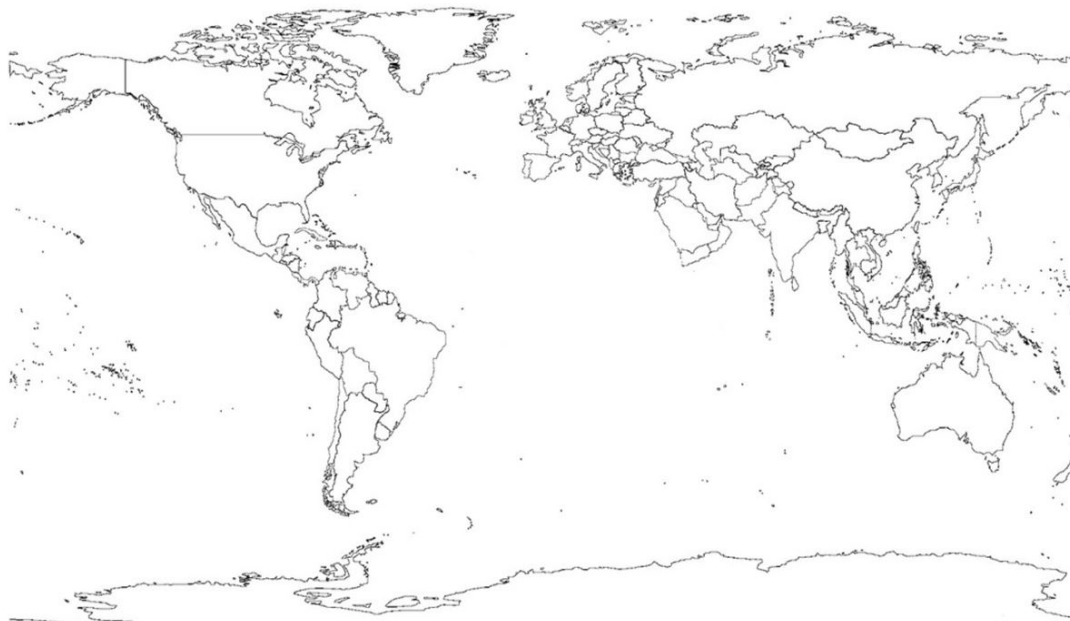


IMAGEM A: Planisfério com o apagamento do continente africano  
FONTE: geoensino.net (2011)

Os participantes foram convidados a interferir no mapa, a materializar em imagens os pensamentos que surgiram durante os encontros. Tal movimento poderia acontecer durante todos os encontros, já que o mapa estava sempre lá, em um determinado lugar, esperando por alguém que quisesse alterá-lo a partir dos devires surgidos, devires que surgiriam por camadas, sobreposição em composição com o novo, para romper com a ordem e atravessar a lisura na perspectiva das Cartografias Situacionistas que, segundo Massey (2008, p.162-163)

[...] buscam desorientar, desfamiliarizar, provocar uma visão a partir de um ângulo inusitado [...] É um mapa (e um espaço) que deixa aberturas para algo novo. [...] mapas ao mesmo tempo podem ser desconstruídos, e então reconstruídos, sob uma forma que desafie a reivindicação de singularidade, estabilidade e fechamento que caracterizam nossa noção (e, certamente, na maioria dos casos, a intenção) usual de representação cartográfica.

Nos três primeiros encontros em que foram mobilizadas, segundo a ordem, imagens cartográficas, imagens fotográficas e imagens videográficas, o convite para o preenchimento foi feito e, dois participantes deixaram suas marcas.

As primeiras camadas surgiram na segunda oficina. No lugar das ausências cartográficas de África surge uma “imagem composta”, montada a partir de recortes de revistas, em que estão presentes carros, rodas, caminhos, distâncias; revistas em devir África, carros em devir território africano, contorno da “imagem composta” que apresenta o contorno cartográfico do continente africano. O novo mapa é preenchido com a permanência do que esteve ausente: o contorno continental do território africano.



IMAGEM CRIAÇÃO A: Intervenção de participantes da oficina no mapa do mundo sem África

FONTE: Acervo da pesquisa (2012)

Mais abaixo a fotografia de uma criança com o dedo na boca. Dedo que preenche a boca que sente sede, boca que bebe água, boca que come, boca que fala, boca que se cala e é preenchida por algo para permanecer em silêncio<sup>3</sup>. Um silêncio que está ligado ao apagamento, e sua substituição evidencia a permanência do que os pensamentos revelam como “algo que para você pode parecer aleatoriedade e caos, para outra pessoa pode ser ordem” (MASSEY, 1998, p.166), ordem do pensamento que se materializa em imagem, imagem-território.

No terceiro encontro, outras imagens foram se (sobre-sob-justa-trans)pondo às que já estavam presentes. Camadas vão surgindo e compondo outras formas de “enxergar a África com outros olhos”, como mostra a seguinte composição de um dos participantes. Era a sua forma de ver, de enxergar, que veio compor com as camadas anteriores e outras que foram sendo (sobre-dis-com)postas, como a fotografia que mostra uma forma alternativa de se locomover: pessoas em devir transporte, em busca de um outro lugar, pessoas que poderiam estar em qualquer outro lugar do planeta, não somente em África.

<sup>3</sup> A construção deste texto traz muitos vestígios das conversas travadas nas oficinas: falas dos participantes editadas pelos autores.



IMAGEM CRIAÇÃO B: Intervenção de participantes da oficina no mapa do mundo sem África

FONTE: Acervo da pesquisa (2012)

No último encontro as conversas e pensamentos giraram em torno de que África(s) circularam pelas oficinas, que África(s) circularam pelos participantes e que podem, também, circular nos espaços escolares. As conversas e os pensamentos do grupo foram sendo materializados em um trabalho coletivo. Para tanto foram disponibilizadas as imagens que circularam nas oficinas anteriores: mapas, fotografias, fragmentos dos vídeos e outras imagens que foram buriladas pelos grupos, conforme a sequência de imagens que se seguirá:



IMAGEM B: Conversas do grupo durante a realização da última oficina

FONTE: Acervo da pesquisa (2012)

O convite foi para que o grupo mobilizasse as imagens e pensamentos que circularam pelas oficinas e que (não) inventassem o ausente. A conversa foi demorada, pontos de vista distintos que escapavam em palavras e em “pensamentos silenciosos” que, em alguns momentos, tornavam-se únicos, mas logo, pela mobilização das imagens nestes mesmos pensamentos, se tornavam novamente múltiplos, pensamentos diversos com a intenção de romper com o sedentarismo que aprisiona o pensamento e movimentá-lo, torná-lo nômade, um nomadismo que teima em sossegar, nomadismo de África(s) que provocam outras maneiras de estar no mundo e habitareste continente a partir de outras miradas.

Ali estava presente uma educação geográfica do movimento, que incomoda o que está pronto e é homogêneo, uma educação geográfica de África(s) heterogênea como é o pensamento, como é a África. Por isso a proposta de inventar, romper com o “proceder a uma recauchutagem de valores, uma maneira de estabilizá-los” (PRECIOSA, 2010, p.75), no caminho do inventar, pois “inventar não é colorir o mundo, mas corar-se de mundos” (PRECIOSA, 2010, p.75), corar-se de África(s) para mover o “manto de memórias editáveis” (PRECIOSA, 2010, p.21).

O grupo decide por materializar o pensamento em imagem. A invenção parece ter sido capturada pelo clichê, pois surge a criação de África para a substituição do ausente: o contorno cartográfico do continente africano começa a ser produzido com a caneta, registra-se o território no papel, cuida-se para respeitar os limites do território memorizado pelos tantos anos de convivência com os mapas onde a África é grafada de maneira semelhante. Com a atenção na materialização do continente, a tesoura fica encarregada de definir seus limites.

O aprisionamento da África, até então, parecia ser inevitável, o continente cartográfico aaprisionou, não conseguimos fugir para o arquipélago de ideias, incômodos e imagens que circulou pelos encontros da oficina. A linguagem cartográfica como decalque parece aprisionar os pensamentos, (re)formar e (re)forçar o pensamento rumo aos contornos do continente, do aprisionamento.



IMAGEM CRIAÇÃO: Criação do grupo durante a realização da última oficina  
FONTE: Acervo da pesquisa (2012)



IMAGEM CRIAÇÃO D: Criação do grupo durante a realização da última oficina  
FONTE: Acervo da pesquisa (2012)

Mas no decorrer do processo de criação do grupo, algumas linhas de fuga, tênues, surgiram e o continente africano cartografado foi criando outra(s) forma(s), outra(s) África(s) foram surgindo, novos contornos foram sendo criados, (de)formados potencializando outros pensamentos acerca da África e também acerca da cartografia e do mapa, pois

o que se propõe não é a descoberta de algo que ainda não existe, mas a deformação de algo que já existe, levando a palavra mapa (a imagem mapa) a deslocar-se de si mesma, ampliando suas margens, adquirindo novos contornos que potencializam sua ação no mundo, arrastando consigo a cartografia e mesmo a escola, para outras paragens, mais imaginantes. (OLIVEIRA JR. 2012, p.14)



IMAGEM CRIAÇÃO E: Criação do grupo durante a realização da última oficina  
FONTE: Acervo da pesquisa (2012)



Um mapa-máscara de África(s) surge do contorno do continente feito pelo grupo. Mapa-máscara que adquire cores, intensidades, imaginações, criações, versões outras de pensamentos que desacostumam o olhar cartográfico, criando arquipélagos nas conexões que se fazem entre cartografia e máscara, entre chão e rosto, entre traçados que se querem realistas e objetivos (os da cartografia) e traços que buscam dissuadir e diluir o traçado realista e objetivo ao mesmo tempo que buscam atrair outras realidades que venham a convergir para a máscara. De todos os materiais que circularam pelas oficinas – fotografias, vídeos, máscaras, contos, desenhos, revistas, colagens... - foi para as máscaras que o mapa-cartografia derivou com mais potência nos participantes, metamorfoseando-se em outro material, nem mapa nem máscara: uma nova potencia de expressão onde áfricas agem como força não mais contida, mas sim variante, imprevisível em suas novas conexões geradoras de pensamentos e sensações.

Os pensamentos e sensações fluem contaminados pela cartografia ocidental e pelas máscaras africanas, uns se fazendo outros, criando devires máscaras para os mapas e devires mapas para as máscaras: rosto e chão se desdobrando um no outro, nunca parando de fazer variar o pensamento. Pensamento em imagem que materializa um continente aberto, sem fundo, evidenciando a coragem de tornar o território vazio daquilo e daqueles significados que já existiam ali, criando-se novos territórios não mais contidos e continentes, mas sim arquipélagos que materializam pensamentos, pensamentos abertos, nômades, do que sejam África(s).



IMAGEM CRIAÇÃO F: Criação do grupo durante a realização da última oficina  
FONTE: Acervo da pesquisa (2012)

O mapa-máscara é colocado sobre o mapa do mundo com o apagamento do continente africano, em (sobre-sub-justa-trans)posição ao que já havia sido ali posto por outros participantes da oficina, compondo mais uma das camadas, evidenciando estilos políticos de pensar o mundo: o estilo deste mapa-máscara foi o de não se colocar como mais um detalhe entre outros, mas atravessar o já existente, fazê-lo desviar-se dos sentidos e significados que antes havia em cada uma de suas partes e em seu todo. Este grande mapa-máscara, ao romper as escalas cartográficas, faz a África vaziar de sua posição cartográfica habitual e invadir outras partes do mapa onde antes ela não estaria. Ele provoca uma ocupação de territórios antes estáveis, os atravessa sem permissão, arrastando consigo outras possibilidades de pensar estes territórios a partir de outras possibilidades, em conexões inauguradas com a África-máscara que os atravessou.

Os mapas atuam na ficção do que é o mundo, tomando ficção como algo que busca ter “efeito de verdade”. O mapa-máscara não buscou ter esse “efeito de verdade”, mas sim fabular: “o que se faz ao fabular não é afirmar algo que não é real (não é um erro nem uma confusão), o que se faz é afirmar algo que torna as ficções hegemônicas inoperantes ou indecíveis” (PELLEJERO, 2008, p.74). Pensar África(s), um mundo África(s) materializado em um espalhamento do continente pelo mundo provocando o pensamento para a esfera de coexistência de uma multiplicidade de trajetórias africanas pelo planeta afora, sempre em criação, sempre em construção que potencializa o questionamento da organização do espaço e da ideia do mapa como representação fiel do espaço.

Camadas de imagens que se sobrepõem, trajetórias do continente africano em devir mapa, traçados do contorno do continente africano em devir máscara, traços e tintas de máscara em devir África(s) respingando em outros continentes do mundo, formando arquipélagos no pensamento, inconstante que este ficou após ter se descolado do lugar habitual onde a África estava.

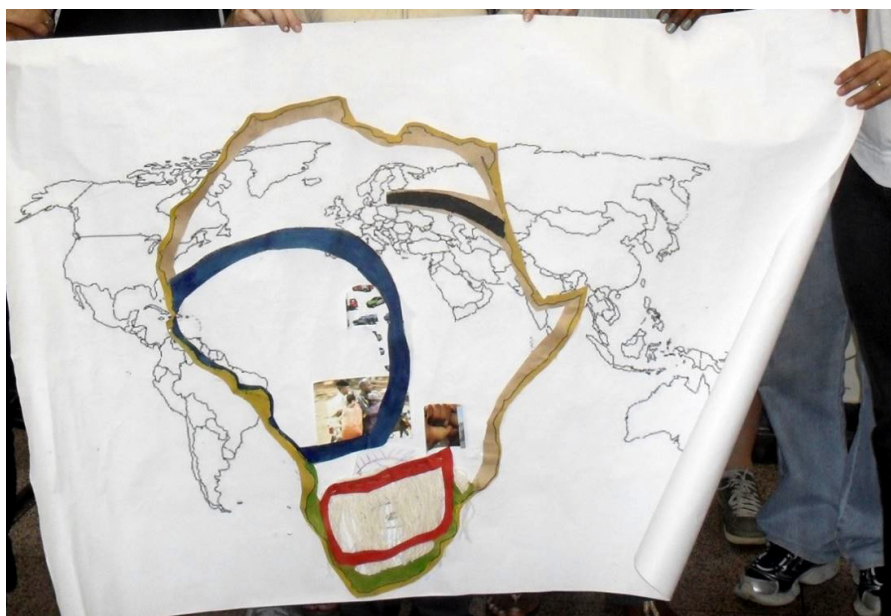


IMAGEM CRIAÇÃO G: Criação do grupo durante a realização da última oficina  
FONTE: Acervo da pesquisa (2012)

A imagem criada pelo grupo desconstruiu o que era comum ao nosso olhar. Criar uma imagem é grafar um pensamento, é grafar uma geografia (OLIVEIRA JR, 2012). A materialização das linhas de fuga, dos pensamentos em imagens mostra o desconforto gerado ao longo dos encontros evidenciando rupturas, quebras, criação de pensamentos que romperam com o que estava cristalizado – com o clichê– e possibilitaram surgir outra(s) África(s) que se espalham como um rizoma, buscam lugares para se apoiar, lugares para brotar, brotar o novo e abrir a ordem do mapa, em combate ao fechamento, ao sedentarismo do pensamento do que seja o continente africano e do que seja a cartografia: a favor do encontro com a(s) diferença(s) e em desfavor da repetição que molda e impregna os espaços escolares e as aulas de Geografia.

## Referências bibliográficas

CORRÊA, G. C. Oficina: novos territórios em educação. In.: LUENGO, J. M.; MONTERO, E. G.; PEY, M. O.; CORRÊA, G. C. **Pedagogia Libertária: experiências hoje**. São Paulo: Editora Imaginário, 2000, p.77-162.

DELEUZE, G. GUATTARRI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução Suely Rolnik. Vol. 4. São Paulo: Ed. 34, 2008, 176 p.

MASSEY, D. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

OLIVEIRA, JR. W. M. Mapas em deriva: imaginação e cartografia escolar. **Revista Geografares**, n.12, jul.. 2012, p.1-49

PELEREJO, E. Literatura e fabulação: Deleuze e a política da expressão. **Polymatheia. Revista de Filosofia**. Fortaleza, v. IV, n.5, 2008, p.61-78.

PRECIOSA, R. Rumores discretos da subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2010, 96p. SEIXAS, J. A. de. Os campos (in)elásticos da memória: reflexões sobre a memória histórica. In.: BRESCIANI, S. BREPOHL, M. SEIXAS, J. A. (org.). **Razão e sentimentos na política**. Brasília: Ed. UNB, 2002, p.59-77.

**Trabalho Enviado em 19/03/2014**

**Trabalho Aceito em 19/04/2014**